

ZACONO ROMANÔ

CULTURA ROMANI

Elisa Costa (org.)
Lucimara Cavalcante (org.)

ELISA COSTA (org.)
LUCIMARA CAVALCANTE (org.)

ZACONO ROMANÔ
CULTURA ROMANI

Primeira Edição

Brasília-DF
AMSK/Brasil
2023

Copyright © AMSK/Brasil

Todos os direitos reservados. Vedada a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou qualquer meio, produção, distribuição, comercialização ou cessão sem autorização do autor. Esta obra foi publicada no website www.amsk.org.br, para leitura exclusiva online. A utilização dos dados e informações devem ser descritos com os devidos créditos. Os direitos desta obra não foram cedidos. A violação dos Direitos Autorais (Lei n. 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

ISBN: 978--85-67708-11-9

Organizadoras: COSTA, Elisa. CAVALCANTE, Lucimara.

Título: Zacono Romanô: Cultura Romani.

Edição: 1

Local: Brasília – DF

Contatos das pesquisadoras:

contato@amsk.org.br

Websites das autoras:

<https://www.amsk.org.br/>

<https://amskblog.blogspot.com.br/>

Associação Internacional Maylê Sara Kalí – AMSK/Brasil

Presidenta

Elisa Costa

Presidenta Honorária

Sebastiana Vidal († 1925-2019)

Vice presidenta

Lucimara Cavalcante

Organizadoras

Elisa Costa e Lucimara Cavalcante

Pesquisadoras

Ana Paula C.B. Soria (Vória Stefanovsky)

Elisa Costa

Lucimara Cavalcante

Maria Patrícia Goldfarb

Sandra Cândido

Revisão

Elisabete Martinho

Colaboração

Coletivo DOSTA da AMSK/Brasil

Projeto Gráfico e Capa

Lucimara Cavalcante e José Ruitter JR2





O céu é meu teto

A terra minha pátria

Liberdade minha religião.

Por teto, todos os filhos e filhas têm o céu. Cobre a todas(os) sem distinção de etnia, seja rico, pobre, de todas as raças ou religião. Em todas as partes do planeta, sem se importar com que língua ou país você pertence.

Por terra temos nós o direito de caminhar e andar, direito à sobrevivência. Temos o direito à paz, sem campos de extermínio, sem cercas. Ela é nossa mãe e nossa pátria.

Por religião temos a liberdade, porque quem dela se apropria, sabe que todo milagre nela se encontra. A roda da vida. Liberta.

O céu é azul,

A terra é verde fecundo,

A roda é vermelha e nela contêm o sangue da vida – de geração em geração.

Não há mistério, nem fantasia e nem estereótipo, apenas a realidade de um povo, que teve como berço os confins da Índia e seguiu caminhando, para além dos confins do Brasil.

Elisa Costa

Ass. Internacional Maylê Sara Kalí – AMSK/Brasil



Zacono Romanô

Cultura Romani
(dos assim chamados ciganos)

Porque acreditamos que “quando a criatividade, a vontade de realizar, de ser e de sonhar morrem, perdemos mais do que imaginamos. Perdemos parte de nós mesmas. Como se mata um povo? Destruindo sua herança, subjugando sua cultura, fingindo não ver, banalizando suas necessidades primárias, matando suas referências.” *Elisa Costa – 2012 – AMSK/Brasil*

A cultura e os fazeres.

A nossa gente e o nosso povo.

Os saberes ancestrais e a natureza das coisas.

A agenda que agora solicitamos é fruto de anos de observação e construção interna de vários grupos e coletivos.

A necessidade de uma organização do patrimônio cultural, foi crescendo, em especial, pelo absurdo do anticiganismo, da rromafobia e de suas ramificações: o estereótipo e a ampliação do desconhecimento. Eis a urgência de um direito sempre negado, o reconhecimento de nossa cultura como patrimônio.

Em 2016 tivemos de parar para nos deparar com o aumento da violência dirigida à cultura no Brasil e o empobrecimento dessa discussão.

Nos cabe o relativismo cultural para justificarmos o que é nosso desde sempre, a transnacionalidade e com ela, tentarmos explicar um pouco o que conhecemos e vivemos como cultura – *Zacono*.

Ao longo da história e nos tempos modernos, o povo “cigano” enfrentou preconceito, pobreza, discriminação e extermínio. Hoje, lutamos pelo reconhecimento como grupo étnico legítimo e uma nação distinta com sua própria língua, história/memória e cultura. Estereótipos e generalizações de “ciganos” diluem e banalizam ainda mais a cultura “cigana” e devem ser evitados a todo custo.

Rroma, caminhantes desde sempre,
Orgulhosos, altivos, musicais,
Trocando pão por sons,
Vendendo sonhos e mistérios,
Obstinados a caminhar.
Quiseram escravizá-los,
Tornaram-se fugitivos...¹

¹ Trecho do poema “Caminhantes” de Vória Stefanovsky

Chega o tempo da voz:
(ou a luz do conhecimento)



*Sunakai*². Não são balangandãs. É tradição, sobrevivência e moeda corrente. Tem seu viés de dar sorte, de garantir a saída inesperada, de pressentir a criança, a noiva ou os pais. Dá o tom no contexto de receber a moeda de muitas mulheres da família, bordadas em ouro e em forma de colar nas cerimônias. E se você estiver se perguntando se é ostentação? Também pode ser. O sunakai que falamos aqui é o ouro das tradições. Ele possui forma, valor e uso distintos e seu valor cultural é inegociável.

E como impedir que o etnocentrismo nos carregue até o desaparecimento? Assim se mata um “Povo”: arrancando dele sua cultura, empobrecendo suas manifestações, distorcendo suas andanças e se apropriando da sua alma. Para pertencer é preciso ter nascido e cada braço étnico familiar considera as gerações necessárias para isso.

De tantos andares, a “Cultura” segue a estrada. É móvel, dinâmica e não estática. Não se define como errada ou certa, é o que pretende ser, uma expressão, física, palpável, emocional, linguística e espiritual. Nasce e morre com cada um e se reverbera da mesma forma, nunca exatamente igual, porque nem os dias e as horas o são.

Laraia (2003: 68) define cultura como: O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, resultado da operação de uma determinada cultura.

O conceito de cultura aceito por nós e descrito tão bem pelo professor Roque Laraia (acima citado) se refere ao conjunto de crenças (visto que observamos inúmeras crenças), valores, práticas (sociais principalmente), conhecimentos (onde nos debruçamos nos conselhos, nas receitas e nas práticas médicas) e outros elementos simbólicos e materiais produzidos, transmitidos e transformados pelos seres humanos em suas sociedades.

Como a dança: A dança não é relativa para as mulheres de etnia romani ou qualquer coisa serve. Não é o balançar de saias e cabeças. No cotidiano de algumas famílias romani, ainda se ensina desde cedo que o movimento circular dos ombros ou dos quadris possuiu algumas funções, inclusive dentro das práticas de cuidado das mulheres. Dançar é um predicado para as mulheres e não está dentro das academias de dança. Se duas ou três mulheres se levantam

² *Sunakai* em romanês significa ouro.

para dançar e são de gerações diferentes, isso é tradição e história pura. Há um porquê de todos os movimentos.

Os significados contidos na memória e nas conversas em reservado dessas mulheres. A dança também é símbolo de resistência.



O tempo dos encontros

A cultura é nosso lastro, nossa base e nossa trajetória. Não há Romã sem cultura. Cada vez que ela é atacada, desvirtuada, folclorizada ou como muitas vezes esvaziada na sua excelência de existir, morre um pouco de cada um de nós. Lutar pela cultura é lutar pela existência de cada um de nós. Michel Kriston, Diretor de Cultura da Union Romani Internacional/IRU - 2020

Desta forma segue um pequeno relato, descrito por Sandra Cândido, em tempos de escuta e de conversas afiadas entre os pares.

Sandra Fabrício Cândido é Graduada em ADM na Universidade Federal de Santa Catarina UFSC, Itapema, Santa Catarina. Especialista em Danças Étnico-contemporâneo e em Danza Terapia – OFD, Universidade Rey Juan Carlos, Madrid/Espanha. Pós-graduada em Flamenco Árabe – Especialidade OFD, Universidade Rey Juan Carlos, Madrid/Espanha (Brasil) e Certificação Profissional Internacional de Dança – CID UNESCO (cid-23993). É kalderashita e tem se dedicado no estudo das danças, seus contextos e suas representações. Junto com Lucimara Cavalcante e Anne Kellen, elas trabalham, cada qual a seu tempo, para que o legado não se perca a meio de tantos estereótipos.

Somos Povos Tradicionais porque respeitamos a ancestralidade e honramos os que caminharam antes de nós. Quem dança conta história, respeita a memória e consagra o feminino. Anne Kellen

Com uma frase que minha avó Kalinka me deixou: que a herança de um povo nunca seja a fome, a miséria, o preconceito, o racismo e a discriminação. A dança tem o poder de iluminar caminhos. Lucimara Cavalcante.

O patrimônio imaterial cultural do povo romanô, também conhecido como povo cigano, é igualmente rico e diverso. O povo romanô possui uma história ancestral e uma cultura única que inclui diversas manifestações artísticas, tradições orais, música, dança e costumes.

A tradição oral é um elemento fundamental do patrimônio imaterial do povo romanô. Através de histórias, contos e lendas transmitidos oralmente de geração em geração, eles preservam sua memória coletiva, valores culturais e identidade. Essas narrativas abordam temas como a vida nômade, a perseguição e a resiliência do povo romani ao longo dos séculos.

A música é uma das características mais marcantes da cultura romanô, que se espalhou por toda a Europa e além dela. O estilo musical característico dos ciganos, com suas melodias envolventes, ritmos cativantes e instrumentos tradicionais, como o violino, a guitarra e o cimbalo, conquistaram os amantes da música em todo o mundo. O flamenco na Espanha, o manouche jazz na França e a música romani balcânica são exemplos dessa rica herança musical.

A dança é outra forma de expressão cultural importante dentro da comunidade romani. A dança romani é cheia de energia, movimentos fluidos e emocionais. Ela está intimamente ligada à música e é uma forma de celebrar, se conectar e se expressar. A dança flamenca na Espanha, o *kalbeliya* na Índia, o *khamoro* na República Tcheca e a Ruska Roma na Rússia são apenas alguns exemplos das danças romani.

Os costumes e tradições também desempenham um papel fundamental no patrimônio imaterial do povo romanô. Eles têm suas próprias tradições de casamento, rituais de nascimento e morte, festivais religiosos e eventos sociais que são passados de geração em geração. Esses costumes e tradições são uma parte vital da identidade e do senso de comunidade romani.

É importante ressaltar que, ao discutir o patrimônio imaterial do povo romanô, também se deve levar em consideração os desafios enfrentados por este povo e suas comunidades. A história de discriminação e marginalização dos ciganos ao longo dos séculos resultou na perda de muitos ritos e elementos de sua cultura. Porém, a resistência e a resiliência do povo romanô, permitem que eles continuem a preservar e transmitir sua herança cultural.

Em resumo, o patrimônio imaterial cultural do povo romanô ou os assim chamados de “povo cigano” é uma parte importante do mosaico cultural global e do Brasil. Sua herança musical, tradições orais, danças e costumes demonstram a riqueza e a diversidade deste povo, representando uma parte fundamental do legado cultural do mundo e do Brasil. É fundamental valorizar, respeitar e proteger esse patrimônio imaterial, reconhecendo a contribuição do povo romanô para a diversidade cultural do Brasil e do mundo.

Defender o patrimônio cultural imaterial do povo romanô é fundamental e é urgente por diversas razões entre elas podemos citar:

1. Preservação da identidade: O patrimônio cultural imaterial é essencial para a preservação da identidade do povo romanô. Ao proteger e valorizar suas expressões culturais, estamos garantindo que o legado histórico, as tradições e os valores desse grupo étnico sejam transmitidos às gerações futuras. Isso fortalece o senso de pertencimento e orgulho na sua própria cultura e etnia.
2. Promoção da diversidade cultural: A diversidade cultural é um componente essencial da riqueza do nosso mundo. Ao valorizar e proteger o patrimônio cultural imaterial romani, estamos contribuindo para a promoção da diversidade cultural e para a valorização das diferentes formas de expressão

humana. Isso fortalece os princípios de igualdade, respeito e tolerância em sociedades multiculturalistas.

3. Combate à discriminação e estereótipos: O povo romanô tem sido historicamente alvo de estereótipos negativos e discriminação social. Ao defender e valorizar o seu patrimônio cultural imaterial, estamos combatendo esses preconceitos e estereótipos, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva pelos princípios democráticos.
4. Estímulo à coesão social: O patrimônio cultural imaterial romanô desempenha um papel importante na coesão social e na construção de comunidades mais fortes. Ao celebrar e valorizar suas tradições, músicas, danças e costumes, estamos promovendo o diálogo intercultural, a integração e o respeito mútuo entre diferentes grupos étnicos.
5. Desenvolvimento econômico: A preservação e promoção do patrimônio cultural imaterial romani pode contribuir para o desenvolvimento econômico local. Festivais culturais, eventos e turismo relacionados à cultura romani podem gerar oportunidades de emprego e fortalecer a economia, beneficiando as comunidades locais.

Em suma, a defesa do patrimônio cultural imaterial romani é importante não apenas para preservar sua rica herança, mas também para promover a diversidade cultural, combater a discriminação e estereótipos, fortalecer a coesão social e contribuir para o desenvolvimento econômico. A valorização e respeito pela cultura romani são essenciais para uma sociedade mais inclusiva, igualitária e culturalmente diversa.

REFERÊNCIAS:

Reuniões da AMSK/Brasil, parceiras e coletivos realizadas ao longo dos anos de 2018 a 2023.

Reuniões da ONU – minorias (2021 e 2022), Reuniões da IRU realizada ao longo dos anos de 2021 a 2023.

As saias e blusas, vestidos e vestimentas dessas mulheres possuem uma diferenciação histórica, que jamais permite um lenço jogado no chão, tão pouco um arranjo sem significado. Das casas de abelha até as rendas. Da costura ao uso das cores. Do batizado ao enterro. Para tudo existe um porque, a depender da família, a depender da situação financeira e a depender do tempo ou país. Somos um povo vindo de várias nações, do samovar as rendas húngaras, dos leques e pentes a tradição do *Tchaiô Romanô*. *AMSK/Brasil – IRU Brasil e South América*.



Chega o tempo da escrita:

Tenho por certo o direito a minha alma,
Tão breve, leve e minha.
Minha alma nua, sem peso das coisas.
Já tentaram vesti-la de tantas coisas,
Quiseram me roubar as vestes, as cordas do violino, o bordado das saias, as
dobras do lenço.
Mas não importa por onde caminho;
Essa alma de rodopios tem sangue, língua, Bandeira e hino.
Essa alma tem estradas onde o mundo só enxerga desertos sem rumo.
Tolo aquele que pensa que minha alma é leve, vou te contar um segredo:
Ela carrega século de fitas amarradas em ramos de flores que sinalizam
caminhos;
a minha alma e a das minhas irmãs carregam os ritmos e os sons do vento do
norte que abrem as cancelas;
dos ventos do sul que encharcaram a grama;
O som dos gritos, o som do silêncio.
Eu, minhas irmãs e irmãos;
nós e os nossos, por séculos, carregamos o nosso patrimônio na alma;
nessa alma imortal que hoje reclama aos vivos Nossa memória.
E se perguntarem de onde viemos e para onde vamos:
deixo escrito a nossa resposta:
Viemos de muitos lugares, de homens e mulheres livres, a escravos e
prisioneiros.
Viemos pelo Rio, através dos mares e por sobre as Montanhas, atravessamos
desertos e cordilheiras, cantamos, dançamos, choramos e nos despedimos
dos nossos mortos.
Ao contrário do que pensam, nunca vagamos.
E essa tal Liberdade, nunca itinerância, sempre resistência.
Esse é o tempo da palavra escrita e dita.
Assim como o rio corre para o mar, um dia voltaremos para casa,
Mas, isso é outra história... o tempo das rosas.



Um breve acenar da academia - **Notas sobre a cultura Rom/cigana**

Cabe-nos também, acrescentar aqui o que diz a academia. Ao longo dos anos, temos citado e nos esforçados para ampliar o combate ao estereótipo, ao anticiganismo e a rromafobia e fazer uso de um caminhar que amplie a paz e desfaz conflitos. A cultura, mais uma vez, nos brinda e sentido se encaixa o vasto conhecimento acumulado da Professora Patrícia Goldfarb, que a convite da AMSK/Brasil escreveu algumas notas sobre o tema.

Maria Patrícia Lopes Goldfarb (Pós-Doutora em Antropologia, professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e DCS/UFPB; Líder do GEC- Grupo de Estudos Culturais do CNPq).

Compreendemos os ciganos como grupos étnicos, que segundo o antropólogo Fredrik Barth (1969), são grupos que compartilham valores culturais específicos, elaboram formas de distinção e que se pensam e são pensados como diferentes. Por variadas razões encontram-se em diferentes países, legando e enriquecendo a sua cultura. Sob distintas motivações, atualmente a grande maioria da população cigana experimenta a condição de vida semi-sedentária ou sedentária.

Os ciganos estão em todas as partes do mundo, com grande concentração na Europa. Registram-se também ciganos na África, Egito, Argélia e Sudão. Evidencia-se a presença e permanência de ciganos no continente americano, dos Estados Unidos à Argentina, tendo uma grande concentração no Brasil.

No Brasil ainda não temos dados exatos da população cigana, pois permanecem não contemplados pelos censos demográficos. Entretanto sabemos, por meio de dados documentais e da literatura especializada, que estão no Brasil desde os séculos XVI e XVII, vindos como degredados de Portugal, como é o caso da etnia denominada Calon. Encontram-se como moradores ou circulam em todo o território nacional.

Embora estejam no Brasil há cerca de cinco séculos, os ciganos continuam desconhecidos, pouco estudados na academia, minimamente reconhecidos em termos de leis e tendo muitos de seus direitos, enquanto comunidade tradicional, negados.

Este cenário está ligado a um conjunto de estigmas e estereótipos que recaem sobre os ciganos nos contextos de interação com a sociedade não cigana; que opera de modo eficaz, afetando e restringindo negativamente o

cotidiano, o que marca as relações de poder envolvidas no processo de nomeação dos ciganos (ELIAS, 1994). Os processos de estigmatização e suas formas de repercussão na vida social são fato; bem como os meios de resistência desenvolvidos pelos ciganos para delimitarem suas tradições, seus direitos a cidadania e a sobrevivência cultural.

Através da análise dos estigmas, podemos observar um campo de disputas, onde quem detem o poder (por meio da produção de conhecimentos e saberes, dos meios de comunicação de massa, da legislação, das políticas sociais, dos meios econômicos de sobrevivência, etc.) estabelece formas de exclusão, onde os ciganos permanecem sendo vistos como estrangeiros, os “de fora”, aquilo que Elias e Scotson (2000) chamou de “outsiders”.

Não obstante as transformações sociais e econômicas ocorridas no Brasil, o que reflete na inserção de ciganos nas escolas, universidades, etc., persistem problemas de exclusão e de visibilidade, o que se reflete, por exemplo, em sua inserção no mercado de trabalho (GOLDFARB, 2013).

Apesar das relações hierárquicas a que estão submetidos, os ciganos permanecem construindo e reconstruindo suas tradições, sem perder suas especificidades culturais. Assistimos a reivindicações de direitos pelos ciganos em diferentes partes do Brasil, como o acesso a escolas, a políticas compensatórias como as cotas na universidade, de garantias de seus territórios, etc., o que implica afirmar que as situações de conflito vivenciadas em meio ao processo de discriminação social podem ser transformadas em reivindicações de transformação social.

Sabemos não ser fácil resistir a séculos de discriminação e repressões, traduzidas em termos de expulsões, degredos, perseguições, incriminações, proibição do uso de sua língua ou tradições, invisibilidade, etc., que têm início desde a colonização brasileira; que se ligam ao que Moonem (2011) denominou de políticas anticiganas ou anticiganismo.

Neste sentido, assistimos a construção de pautas feitas pelos ciganos junto ao Ministério Público Federal, busca de participação mais ativa em órgãos e conselhos de políticas públicas ou de promoção da igualdade social, maior diálogo e participação em eventos acadêmicos, reivindicação do direito de fala, etc.

Desde os anos 2000 vem emergido no Brasil um conjunto de associações, ciganas, representações, grupos de pesquisa, de atividades culturais e políticas constituídas exclusivamente ou parcialmente por ciganos, o que indica a busca institucional e/ou coletiva de renda, escolaridade, formação, habitação e políticas sociais (CUNHA, GOLDFARB, BATISTA, 2014).

Cabe, ainda, destacar que os grupos / famílias ciganas apresentam a forma pela qual são captados no exercício de enunciação pública, parecem indicar uma diversidade de condições. Por isso vamos nos deparar com núcleos ciganos experimentando condições de grande carência material, como também algumas famílias ciganas que buscam pouca visibilidade e mostram-se capazes

de desenvolver atividades econômicas que resultam em condição social privilegiada.

Por isso é extremamente importante conhecermos as manifestações culturais ciganas brasileiras, que se manifestam nos dialetos específicos, que servem como meio de comunicação interna, de manutenção de suas fronteiras étnicas e de preservação/defesa da unidade cultural.

A musicalidade é outro elemento cultural que possui um lugar significativo nas culturas ciganas, com o uso de instrumentos musicais, a formação de grupos musicais ou de cantores individuais; assim como as danças e toda uma performance corporal específica.

Nesta seara, os festejos e os rituais de passagem, como os casamentos, as festas religiosas, etc., são intensamente vividos pelos povos ciganos, comemorados de forma coletiva, com comensalidades e formas particulares de solidariedade e fortalecimentos dos laços internos.

Os grupos ciganos interagem cotidianamente com a sociedade não cigana e experimentam processos de reelaboração cultural, pois a cultura é dinâmica. No entanto, observa-se a manutenção de valores específicos nas suas formas de produção social e sistemas simbólicos, bem como no uso das instituições e modos de viver em sociedade. A importância da família e das relações de parentesco, os casamentos endogâmicos, as regras de residência e as alianças políticas são exemplos de como os grupos ciganos expressam suas peculiaridades culturais nos modos de vida.

Destaca-se ainda a importância cultural dos idosos para as famílias e comunidades ciganas, que representam o saber e a memória grupal, aspectos muito valorizados numa cultura sobretudo oral, onde os saberes, as histórias, os contos do passado, as tradições, as normas e os valores devem ser conhecidos e respeitados.

Deste modo, as culturas ciganas, enquanto fato social total, que engloba suas representações sociais, valores, regras de conduta, crenças e modos de vida, expressos por meio de suas instituições (familiar e matrimonial, econômicas, políticas, religiosas e morais) formam um patrimônio cultural imaterial brasileiro.

Trata-se de saberes e fazeres específicos, que se manifestam em seus valores e formas de vida, práticas e representações coletivas que norteiam a cultura desses grupos heterogêneos, porém unidos pela história de perseguições, pelos estigmas historicamente construídos e reproduzidos que limitaram os processos de visibilidade e valorização dessa riqueza cultural brasileira.

REFERÊNCIAS

BARTH, Introduction. **Ethnic groups and boundaries**. Bergen: Oslo/Boston:Universitetes Forlaget/Little Brown, 1969.

BONOMO, Mariana; MELOTTI, Giannino; PIVET, Monica. Representações sociais de mulher cigana entre população não-cigana brasileira e italiana: **Ancoragem Psicológica e Social. Psicologia: Teoria e Pesquisa** [online]. 2017, v. 33 [Acessado em 21 de setembro de 2022]. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102.3772e3354>>. Epub 12 de março de 2018. ISSN 1806-3446. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3354>.

CUNHA, Jamilly Rodrigues da; GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes; BATISTA, Mércia R. Rangel. Processos associativistas entre ciganos: discutindo o projeto político de uma família cigana em Condado-PB. Trabalho apresentado na **29ª Reunião Brasileira de Antropologia**, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN. Anais. Disponível em: < <http://www.29rba.abant.org.br>.> Acesso em: 20 de abril de 2022.

ELIAS, N. **Conocimiento y poder**. Madrid: La Piqueta, 1994a.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, N. **Os Alemães: A luta pelo poder e a evolução dos habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1997.

ELIAS, N. & SCOTSON, J. L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2000.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC. 1988.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. **Memória e Etnicidade entre os Ciganos Calon em Sousa-PB**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2013. (Coleção Humanidades).

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes; DANTAS, José Aclécio. O “trabalho formal”/negócios entre os ciganos: encontros e desencontros. **Política e Trabalho. Revista de Ciências Sociais**, nº 51 Julho/Dezembro de 2019, p. 145-163

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes; TOYANSK, Marcos, CHIANCA, Luciana Oliveira (orgs.). **Ciganos: olhares e perspectivas**. João Pessoa: Editora UFPB, 2019.

MOONEN, Frans. Ciganos Calon no Sertão da Paraíba. João Pessoa, MCS/UFPB, **Cadernos de Ciências Sociais**, nº. 32, 1993.

MOONEM, F. **Anticiganismo: os Ciganos na Europa e no Brasil**. 3ª edição digital revista e atualizada Recife – 2011.



O Tempo do *Zacono*

O tempo da Cultura

Falar e sentir, escrever e ouvir. Revelar nossas próprias biografias, traz um reto, uma agenda que a só pertence. Assim, buscar a escrita des-colonialista (desfazer a escrita colonial, literalmente) ou voltar nossas escritas para os nossos é fundamental.

Tudo isso nos leva a Ana Paula C.B. Soria (Voria Stefanovsky) é doutora em literatura pela Universidade de Brasília – UnB. Mulher romani, sintisa, ativista pelos direitos humanos, diretora do Observatório Internacional de Mujeres Romani\Gitanas. Poeta, escritora, também graduada em jornalismo e artes. Membro imortal da Academia Brasileira de Letras Romani. Sua tese sobre a literatura romani foi premiada como a melhor tese de literatura em 2016 pela UnB. Itinerante e circense até os 15 anos, foi a primeira mulher romani a concluir um doutorado na América Latina e a ditar a primeira pós-graduação em Cultura Romani da América Latina na Universidad Nacional de la Patagonia Austral – UNPA- Argentina. E tantas coisas mais ... Um dia vamos fazer valer seu nome verdadeiro – Voria, nome de rio, para que a antiga cultura dos “ciganos sem alma” ou dos que “precisam ser batizados para serem reconhecidos” ou ainda: “precisa de um nome cristão”, não alcancem mais as novas e atuais gerações. Eis o tempo de existir.

O artigo inédito, logo abaixo, fala muito bem sobre essas coisas muitas, que chamamos de cultura.

Roma\Ciganos do Brasil: um patrimônio cultural esquecido entre os véus da invisibilização

Voria Stefanovsky³

³ Ana Paula C.B. Soria (Voria Stefanovsky) é doutora em literatura pela Universidade de Brasília – UnB. Mulher romani, ativista pelos direitos humanos, diretora do Observatório Internacional de Mujeres Romani\Gitanas. Poeta, escritora, também graduada em jornalismo e artes. Membro imortal da Academia Brasileira de Letras Romani. Sua tese sobre a literatura romani foi premiada como a melhor tese de literatura em 2016 pela UnB. Itinerante e circense até os 15 anos, foi a primeira mulher romani a concluir um doutorado na América Latina e a ditar a primeira pós-graduação em Cultura Romani da América Latina na Universidad Nacional de la Patagonia Austral – UNPA- Argentina. voriastefanovsky@gmail.com.

Introdução

Os roma, também conhecidos como ciganos, fazem parte da rica diversidade brasileira. Contribuíram, junto a negros e indígenas, para a formação deste país desde o século XVI, quando chegaram os primeiros(as) homens e mulheres de origem romani degredados de Portugal. Contudo, a presença dos calon, rom e sinti, grupos roma presentes no Brasil, e suas contribuições em todos os âmbitos culturais têm sido invisibilizada ao longo dos séculos até a contemporaneidade. Não somente contribuíram materialmente, com a produção de artesanato por exemplo, mas a própria presença do povo romani, isenta dos estereótipos, é a existência de uma cultura pulsante nas veias de homens e mulheres que, resistentemente, tem mantido a cultural ancestral. Tanto no âmbito da arte, do vestuário, dos ofícios, da língua, da medicina tradicional, da culinária, da espiritualidade e dos modos ritualísticos do fazer relacionados a todas essas expressões culturais. Expressões, rituais e simbolismos que inclusive possuem variações, de acordo com as adaptações efetivadas por cada um dos grupos roma ao longo de sua diáspora até chegar ao Brasil. Os roma influenciaram o vestuário, as artes e a espiritualidade dos brasileiros de distintas gerações e em todos os Estado deste país. A presença do próprio grupo, visualizada de fato ou evocada pelas memórias dos outros, é ela mesma parte da cultura brasileira. Guimaraes Rosa, conhecedor da realidade dos sertões de Minas Gerais, sempre incluía os roma em suas obras e confessou seu desejo de escrever uma epopeia cigana. Sabia da importância desse povo para representar amplamente a cultura e o imaginário que permeava a realidade a qual se dedicou a escrever. No trecho abaixo, do conto Zingareska, observa-se: “Vozeiam os ciganos [...] Dão festa. [...] Fazem isto sem horas, doma de cavalos e burros, entanto dançam [...] tocam instrumentos; mesmo alegres já tristes, logo de tristes mais alegres. Tudo vêm ver [...]”⁴ ou ainda na passagem do conto Faraó e a água do rio: “Com tal que o conserto rematavam os ciganos, eeé, bré! Senhozório agora via: o belo metal, o belo trabalho. A esquisita cor do cobre.”⁵. Embora Guimarães Rosa também tenha sido contaminado por alguns estereótipos na representação dos roma, ele ressaltava sua presença e contribuições, como no trecho acima, referindo-se ao exímio trabalho que faziam com o cobre. Neste mesmo conto o personagem do dono da fazenda espera com ansiedade que os ciganos apareçam para consertar os tachos e o alambique.

Os estereótipos e estigmas em relação aos Roma, herança europeia herdada pelos brasileiros, ofuscou toda a contribuição rica e única do povo romani. Conhecimentos e saberes seculares trazidos de suas origens, na longínqua Índia, e do *lungo drom* (longo caminho) recorrido na diáspora romani. Caminho no qual influenciaram e contribuíram com as mais variadas sociedades de distintos países. Também souberam incorporar alguns elementos culturais destas sociedades, mesclando-os a sua própria cultura, com resultados originais e profundamente romani, porém com o sabor da cultura local. As contribuições

⁴ P.263.

⁵ Em *Tutameia: terceiras histórias*.

culturais do povo romani no Brasil foram eclipsadas pela construção de um imaginário social deformado sobre os Roma, pelo apagamento de sua presença na história e pelos preconceitos advindos de imagens estereotipadas que não permitiram que a sociedade brasileira tivesse acesso aos Roma reais. Da mesma forma, gerou uma atitude defensiva e reativa dos Roma, que foram levados a segregar-se, restringindo os contatos interétnicos ao mínimo necessário.

Embora as contribuições culturais dos Roma não tenham sido reconhecidas e também tenham sofrido mitificações e mistificações, elas foram inegavelmente absorvidas pela sociedade brasileira, que as incorporou muitas vezes sem saber suas origens, ou sem conhecer e conservar os seus simbolismos e valores essenciais. Um exemplo é a dança romani, que possui variações nos distintos grupos, mas que sempre é repleta de simbolismos relacionados à tradição. Segmentos da sociedade brasileira que se interessam pela dança por trabalho ou lazer, evocam a dança romani e tentam reproduzi-la, porém, sem conhecer os valores, crenças y simbolismos que a envolvem, a despojam de toda a riqueza cultural imaterial que faz parte dessa expressão artística secular romani.

Apesar da enorme resistência dos Roma, afinal sobreviveram heroicamente ante os fortes ventos da história que sempre estavam em contra a sua sobrevivência cultural, a situação atual do povo romani no Brasil não é favorável à preservação desta cultura milenar e que nessas terras se fez brasileira. Uma parcela do povo romani brasileiro se encontra vulnerabilizada, o que favorece a deformação de valores e costumes, levando de forma progressiva a degradação cultural gerada pela extrema pobreza. Outro segmento se vê obrigado a viver sua romanipen (ciganidade) somente no âmbito interno a cultura, ocultando a identidade nos contatos sociais externos. Evitam assim serem alvos de discriminação nos espaços públicos. Contudo, tal condição diária de manipulação identitária, favorece a perda de importantes elementos culturais para seus descendentes, como pode ser a língua ou o aprendizado de determinados ofícios. Profissões que mesmo não sendo praticadas como modo de sobrevivência, poderiam ser mantidas como expressão cultural. Existe outra parcela de Roma que não se enquadram nas condições anteriores. Estes continuam resistindo culturalmente, assumindo publicamente sua identidade e preservando sua cultura, porém continuam marginalizados, independente da condição socioeconômica. Podem ou não ser ativistas, uma minoria ativa que luta pelo reconhecimento, visibilização e valorização da cultura romani. Luta está também invisibilizada e continuamente preterida em suas demandas.

O panorama atual é preocupante, pois a cultura que caracteriza muito bem o lema “sou brasileiro e não desisto nunca”, está ameaçada de perder paulatinamente elementos culturais importantes, e que no futuro já não tenhamos pessoas Roma que possam guardar integralmente a tradição cultural romani. Cultura que não é somente dos Roma, é também do Brasil, pois o povo romani brasileiro é parte da diversidade cultural que construiu os cimentos deste país.

O Brasil, decantado internacionalmente por ser um país miscigenado, diverso e plural. País que sofreu a subalternização do colonialismo, que venceu as agruras da ditadura, que escolheu a democracia e a proteção dos direitos humanos, não pode permitir o desaparecimento da cultura romani nas mãos da romafobia naturalizada. Nos últimos anos de governo do ex-presidente Bolsonaro, os Roma foram diariamente ameaçados pelo descaso total com as suas vidas durante a pandemia e durante todo o governo. Ficou ainda muito mais visível o anticiganismo e a ameaça real à nossa cultura. Como pesquisadora que dediquei meus estudos acadêmicos à literatura romani e às questões relacionadas a cultura e identidade de nosso povo, aponto que uma saída para tão desastroso panorama, seria declarar a cultura romani\cigana, como patrimônio cultural do Brasil.

As raízes milenárias da cultura romani

A origem dos Roma foi descoberta por meio de diferentes estudos linguísticos, principalmente *Die Zigeuner (Os ciganos)* 1783, de Heinrich Grellmann, que foi traduzido em diversas línguas e despertou interesse de vários linguistas sobre o estudo do romaní. O interesse não era saber a origem dos roma e sim conhecer profundamente um idioma que ao que tudo indicava era uma língua indo-ária relacionada diretamente ao sânscrito⁶. Estudos relacionados ao sânscrito estavam em voga e davam prestígio naquele período. Muitos estudos sobre o romani foram realizados entre 1860 e 1870, especialmente na Alemanha. E foi desta forma que os roma se beneficiaram, pois se comprovou que eram realmente um povo, uma etnia, e não um conjunto de desviantes, como constava em muitas leis anti-ciganas. Atualmente, as frequentes tentativas por parte de alguns acadêmicos de pôr em dúvida a origem indiana, não é outra coisa mais que romafobia⁷. Marcel Courthiade afirma que a origem indiana já tinha sido citada em documentos datados de muito antes, que foram encontrados no Vaticano pelo historiador britânico Hugh Pulton. Segundo o estudioso, nesses documentos se evidencia que os primeiros roma que chegaram a Europa recordavam bem a origem indiana⁸. Não se sabe exatamente por que os Roma começaram a sair da Índia desde o século X. As hipóteses mais aceitas são que fugiam das sucessivas invasões, ou que acompanhavam os exércitos invasores como ferreiros ou especialistas em cavalos; ou que saíram em atividades comerciais. Não deixaram a Índia no mesmo momento, os protos-romani se dispersaram por diferentes caminhos, deixando grupos que se mantiveram na Índia e ali estão até hoje. Atualmente se sabe que os Roma caminharam sempre em direção ao oeste, pois não conseguiriam atravessar a Serra do Himalaia se fossem em direção contrária.

⁶ FRASER, Angus. Los gitanos, pp198-202.

⁷ Quando a dúvida é por parte dos roma, está mais relacionada ao desconhecimento que nossos antepassados próximos tinham da origem primeira e a introjeção do que acreditava a sociedade majoritária, ou seja, uma suposta origem egípcia. Também ocorre por influência da religião.

⁸ “El origen del pueblo rom: realidad y leyenda” em Revista I Tchatchipen, número 33, p.10.

Durante a diáspora, a língua romani incorporou palavras dos diferentes lugares por onde passaram: do persa, do grego e do armênio especialmente, de acordo com o caminho seguido pelos protos-romani. grosso modo, é desta forma que os Roma chegam a Europa no início do século XV.

A formação dos estereótipos e o apagamento da cultura

Os Roma foram tratados pela história europeia como desviantes, um problema que devia ser solucionado por assimilação, expulsão ou aniquilamento. Todos os registros históricos disponíveis referem-se às penas, sanções, pragmáticas e decretos impostos aos Roma e a supostos atos delinquentes a eles imputados⁹. Na verdade o grande “crime” do povo romani era ser diferente e querer manter sua cultura e idiossincrasia, ou seja, continuar sendo Roma. A princípio são bem recebidos fazendo-se passar por peregrinos e recebendo salvos-condutos do papa. A estratégia de fingir ser peregrino era comum, vários segmentos sociais também se disseram peregrinos, como os comerciantes que empreendiam essas viagens para se beneficiarem de intercâmbios comerciais ou os espões que trabalhavam para os governos¹⁰. Não obstante, a meados do século XV a Igreja Católica começa a observar que os Roma, apesar de abraçarem a fé católica, continuam fiéis os seus costumes, ou seja, casavam-se e batizavam seus filhos pelos seus rituais; as mulheres praticavam a leitura das mãos e pareciam convencidos a permanecer diferentes. Lendas de cunho religioso começaram a surgir e a difundir-se rapidamente, por exemplo: que eram os filhos de Caim ou os que forjaram os pregos da crucificação de Cristo. Por outro lado, o povo começa a suspeitar que aqueles peregrinos, de costumes e aparências tão distintas, não pretendem voltar para o lugar de onde vieram. No momento em que a Igreja Católica os considera hereges, definitivamente os torna estranhos, eliminando o único laço que havia se estabelecido com as sociedades circundantes – o de peregrinos – e passam a ser oficialmente marginalizados, proliferando as imagens negativas sobre a etnia¹¹. A primeira medida legal contra os Roma foi tomada pela Alemanha em 1487 e a partir deste momento serão recorrentes em todos os países europeus, culminando com o Samudaripen (Holocausto Romani). Evento trágico que tirou a vida de meio milhão de roma e que foi esquecido pela historiografia a nível mundial¹².

As representações artísticas estereotipadas foram as principais responsáveis pela difusão das imagens negativas sobre os roma. Tanto nas artes plásticas como na literatura. Um icónico exemplo nas artes plásticas foi *La Buona Ventura* (1594) do pintor italiano Caravaggio, que gerou uma “tradição”

⁹ Cf. sobre a história dos roma na Europa e leis anticiganas em FRASER, Angus. *Los gitanos*. Barcelona: Ariel, 2005.

¹⁰ RIQUER, Isabel, *La peregrinación fingida*, pp.104-107.

¹¹ SORIA, Ana Paula C.B. (Voria Stefanovsky). *Juncos ao Vento: literatura e identidade romani(cigana)...* p.67.

¹² Cf. Sobre o *Samudaripen* ou *Porrajmos* em: HANCOCK, Ian. 'Roma: Genocide of Roma in the Holocaust',

de representações da imagem de uma cigana lendo as mãos de um consulente, enquanto outro indivíduo cigano aproveita a distração do cliente, para roubar-lhe um anel ou algo no bolso. A imagem influenciou vários de seus seguidores que pintaram, sob o mesmo título, obras com igual representação¹³. Na literatura, os estereótipos negativos relacionados ao roma apareciam nas histórias infantis, com a intenção pedagógica de fazer com que as crianças fossem obedientes se não “seriam roubadas pela cigana”. Em romances de grandes nomes como Miguel de Cervantes, Victor Hugo e Prosper Mérimée. As representações dos roma na literatura mundial são exemplos do uso de um povo como objeto pitoresco que atraía facilmente o interesse dos leitores. Os argumentos literários de ciganos malvados, ladrões, mentirosos, selvagens e ciganas feiticeiras, bruxas, libertinas, ladras de crianças, entre outros adjetivos pejorativos era crível¹⁴. Os roma tinham incorporado o nomadismo pela necessidade de viver em fuga e os contatos com a sociedade eram somente pela necessidade de fazer comércio e manter a sobrevivência. Apesar da proximidade física com a sociedade permaneciam desconhecidos. Eram vistos como nômades, misteriosos e perigosos.

Segundo Serge Moscovici as representações sociais se ordenam a partir de um nó figurativo que condensa todas as imagens, noções e julgamentos que um grupo ou sociedade gera ao longo do tempo. É a parte mais sólida e estável das representações, responsável pela objetivação, ou seja, pela materialização de uma ideia abstrata em imagens. Uma das fases desse processo é a naturalização. Ele explica que o nó figurativo das representações relacionadas aos Roma nunca mudou, e está articulado na temática nômade\sedentário¹⁵, o que significa dizer que são vistos como nômades mesmo que estejam sedentarizados há muito tempo. E da imagem de nômades derivam todas as outras imagens negativas, algumas já citadas acima. Os estereótipos negativos, exotizantes e o racismo romântico, que se caracteriza pela imagem de ciganos livres, em contato com a natureza e sem compromissos se desprendem todos da imagem de nômades. Justamente em função de um nomadismo que foram obrigados a incorporar para sobreviver. De acordo com Bruno Mazzara, “os estereótipos são o núcleo cognitivo dos preconceitos¹⁶”, este que gera discriminação e que a sua vez produz a desigualdade. Desta forma, desconstruir os estereótipos é fundamental para combater a romafobia. Constituem uma prisão de imagens que tem mantido os roma marginalizados, contribuindo para a subalternização e apagamento da cultura romani. Além da consequência perversa de introjetar-se nos grupos estereotipados, o que é comum acontecer com os indivíduos de grupos racializados.

¹³ É o caso dos pintores Bartolomeo Manfredi (1605), Lionello Spada (1614), Simon Vouet (1618), Georges de La Tour (1630) e Gaspare Traversi (1760).

¹⁴ Sobre as representações literárias que tomaram os roma como objetos, cf. SORIA, Ana Paula C.B. (Voria Stefanovsky). *Juncos ao Vento* : literatura e identidade romani(cigana)...Tese de doutorado. Departamento de Literatura. UnB. 2015.

¹⁵ *Os ciganos entre perseguição e emancipação*, p.663.

¹⁶ *Estereotipos y prejuicios*, p.14.

Os Roma chegam ao Brasil degredados de Portugal e carregando essa bagagem pesada de estereótipos que se disseminou rapidamente na colônia, onde também continuaram as perseguições. De acordo com Geraldo Pieroni, “a metrópole despejou seus “criminosos” nas terras coloniais ultramarinas, particularmente no Brasil e África. A Colônia, por sua vez, degredou seus “elementos indesejáveis” e “gentes inúteis” para outras capitânicas do próprio Brasil”¹⁷. O reino lusitano queria ver-se livre dos ciganos e também povoar a colônia, desta forma os castigos de degredos ao Brasil eram convenientes pelos dois motivos. Os registros oficiais da época informam que o calon Joao Torres, sua esposa Angelina e seus filhos são os primeiros a pisar nas terras brasileiras em 1574. O calon pediu ser enviado ao Brasil e não às galeras, alegando ter a saúde debilitada, o que o impossibilitaria de trabalhar bem. Muitos outros roma foram degredados nos anos subseqüentes, quase todos sem registros: “A terra *Brasilis* contou com população cigana quer na Baía de todos os Santos quer em Pernambuco [...] com forte dominante feminina [...] na sua maioria o motivo da ida está omissa, tal como as datas de chegada”¹⁸. A dominância feminina se explica porque as mulheres dos roma enviados às galeras, que ficaram no reino, muitas vezes eram enviadas a colônia. Nos séculos XIX e XX em contexto de imigração europeia, outros roma, integrantes dos grupos rom e sinti, entram no Brasil. De alguns tem-se registro, porém a maioria entra como imigrante do país de procedência. Principalmente entre 1870 e 1930, período no qual a entrada de imigrantes era registrada somente observando a nacionalidade, não a etnia.

Uma parcela expressiva também chega após a Segunda Guerra Mundial. Sobre estes últimos, muitos trocaram seus nomes e viveram sua identidade de forma restrita ao contexto familiar, devido ao trauma deixado pela perseguição nazista. A ocultação da identidade foi, e ainda é, uma prática comum entre algumas famílias romani. Dado o exposto de forma muito resumida até aqui, já se pode deduzir os motivos dessa prática. Consequência de uma romafobia extrema e naturalizada. Devido a isso tem-se muitas lacunas na história que são importantes para a história do Brasil, por exemplo, a não visibilização e até negação da ascendência romani de Juscelino Kubitschek. O que poderia ser facilmente pesquisado caso houvesse interesse na valorização da cultura romani no Brasil. Sobre o tema, Rodrigo Teixeira afirma: “de acordo com as informações que pudemos apurar, o rom que mais cedo chegou ao território mineiro foi Jan Nepomusky Kubitschek, que trabalhou como marceneiro no Serro e em Diamantina. Atendendo pela alcunha de João Alemão”¹⁹. Jan chegou ao Brasil, vindo da Boêmia, por volta de 1830-1835, casou-se com uma brasileira, Teresa Maria de Jesus, teve ao menos dois filhos e uma filha, Júlia Kubitschek, que foi a mãe de Juscelino, ex-presidente e fundador de Brasília ²⁰. É bastante conhecido o fato de que Juscelino, apesar de

¹⁷ “Detestáveis na metrópole e reçados na colônia, os ciganos portugueses degredados no Brasil”, em *Varia História*, Belo Horizonte, n 12, Dezembro/931 p.114-127

¹⁸ COSTA, Elisa Maria Lopes da. Contributos ciganos para o povoamento do Brasil (séculos XVI-XIX) P.170.

¹⁹ Ciganos no Brasil: uma breve história, p. 28.

²⁰ *Id,ibidem*. Há evidências, as quais necessitariam de mais pesquisas, que o ex-presidente Washington Luís seria descendente de roma ibéricos, por parte de mãe.

nunca ter declarado essa origem publicamente, nutria admiração pela cultura romani e recebia visitas recorrentes dos roma.

Algumas contribuições culturais dos roma no Brasil

Embora invisibilizados em suas contribuições e história, o povo romani, inegavelmente, foi parte atuante na construção do Brasil. Pelas características predominantemente endogâmicas – parte por influência das raízes orientais indianas e parte por haver sobrevivido por meio da construção de uma identidade de resistência – o povo romani não foi representativo no processo de miscigenação ocorrido no Brasil. Ainda que, casos de casamentos mistos com brasileiros sempre ocorreram, especialmente entre um homem rom\cigano e uma mulher não romani, pois desde a tradição essa mulher deve seguir ao homem e adequar-se totalmente à cultura romani. Não obstante, a cultura romani contribuiu, influenciou e miscigenou-se em todo o território brasileiro. Por exemplo, foram os Roma que trouxeram o violão para o Brasil. Também foram os precursores das artes circenses, apresentando comédias, malabares e outras atrações de forma itinerante, foram os primeiros saltimbancos. Utilizavam estruturas improvisadas e acompanhavam o calendário festivo da Igreja Católica, adaptando sua arte às comemorações locais. Viviane Castro afirma que muito antes do inglês Phellip Astley ter criado o circo moderno em 1782, os Roma já desenvolviam o circo no Brasil desde o século XVI. Não da forma moderna que se conhece hoje, mas já com muitos elementos inovadores incorporados. Deslocavam-se pelo Brasil com suas estruturas de pau a pique, transportando-se em burros²¹. Séculos depois, as famílias romanis não ibéricas também são as principais referências do circo moderno no Brasil. De acordo com SILVA e ABREU “só muito recentemente, algumas famílias circenses admitem a possibilidade de sua origem ser cigana. [...] houve, e ainda há, preconceito e perseguição aos grupos ciganos [...] em particular, os circenses. Estes eram recebidos num clima misto de receio e fascínio²²”. A ideia de receio e fascínio, temor e desejo, é bastante recorrente nas obras literárias escritas no Brasil, quando os personagens vêm a chegada dos ciganos em suas cidades. O fascínio também vem da exotização e do mistério que foi inferido desde os estereótipos em relação aos roma.

O trabalho com o cobre foi outra contribuição importante tanto para o artesanato como no concerto e fabricação de alambiques, tachos e outros elementos muito necessários, por exemplo, nos antigos engenhos de cana de açúcar. Até hoje, em Minas Gerais, região onde historicamente se assentaram muitos Roma, o uso de tachos de cobre é fundamental para a produção dos tradicionais doces da região. O metal garante que a condução do calor seja a

²¹ Cf. sobre o circo no Brasil: TORRES, Antônio; CASTRO, Alice Viveiros; CARRILHO, Marcio. *O circo no Brasil*. FUNARTE. 1998

²² *Respeitável público...o circo em cena*, p.200.

ideal, o que permite que os doces cheguem ao ponto correto²³. Muitos desconhecem a verdadeira origem dos primeiros tachos e utensílios de cobre que chegaram ao Brasil. É comum encontrar quem diga que foram trazidos pelos portugueses ou que são originários de Minas Gerais. Foram os Roma, especialmente os Kalderash, que têm esse nome justamente em função deste ofício. A tradição do trabalho com os metais, e especialmente com o cobre, é milenar, os tachos Roma, por exemplo, além de uteis e decorativos, envolvem todo um ritual musical na sua fabricação. O ritmo das marteladas é importante para o resultado.

A contribuição dos Roma no âmbito espiritual é visível no Brasil, efetivou-se através da influência e da evidência da presença do povo nas terras brasileiras. A religião sincrética afro-brasileira Umbanda, surgida no início do século XX no Rio de Janeiro, incluiu vários representantes das minorias marginalizadas do Brasil em seu universo de entidades, como indígenas, pretos velhos, baianos migrantes, caboclos e também ciganos. Embora as entidades nomeadas como pombas giras ciganas ou exus ciganos apresentem somente características estereotipadas e exotizadas dos ciganos\Roma reais, a presença dessas representações em uma religião que se desenvolveu no Brasil, é uma evidência mais da importância da presença romani na construção da identidade brasileira. A crescente devoção à Santa Sara Kali, por parte de pessoas não romani, é outro exemplo da contribuição dos Roma à espiritualidade brasileira. Bem como a quiromancia, prática milenar que foi trazida pelas mãos das mulheres romani e hoje é utilizada profissionalmente por muitos brasileiros não Roma. Não pretendo neste artigo, aprofundar-me nas questões relativas às confusões conceituais geradas em boa parte da sociedade brasileira, sobre o que é um cigano(a) espiritual da Umbanda e um cigano(a) de origem romani. Somente afirmo que essas confusões são frutos da invisibilização e dos estereótipos exotizantes que envolvem os Roma. Um fato que gera problemas reais para o povo romani no Brasil, para o ativismo romani e para a desconstrução necessária dos estereótipos.

Muitas são as contribuições dos Roma para a cultura brasileira, no vestuário, na ourivesaria, na música e na dança. Não pretendo fazer um listado detalhado de todas. Inclusive porque muito foi apagado ou não foi reconhecido como contribuição dos Roma. Séculos de invisibilização, estigmatização e marginalização levaram ao lamentável estado, de que um povo que está no Brasil há séculos, que hoje constituem várias gerações de brasileiras e brasileiros de origem romani, esteja em risco de, paulatinamente, perder elementos culturais que são também patrimônio cultural do Brasil.

Considerações finais

²³ A Anvisa chegou a proibir o uso dos tachos de cobre, porém já foi liberado. O que pode causar intoxicação é somente o popularmente chamado de *azinhavre*, ou *zinabre*. Essa oxidação pode ser eliminada utilizando materiais adequados na lavagem.

A cultura romani contribuiu à riqueza e variedade do mosaico cultural brasileiro desde o século XVI. A língua, artesanato, artes, vestuário, gastronomia, espiritualidade e as formas próprias de fazer e realizar essas expressões. O reconhecimento desse aporte cultural tem sido historicamente negado, até hoje, pela invisibilização de sua presença e pelo apagamento de sua cultura. Uma dívida histórica de séculos e uma marginalização cultural extrema. Tal como destaca a Constituição Federal de 1988, é importante preservar os bens culturais que representam os diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. A consideração da cultura romani como patrimônio cultural nacional pode contribuir a sua transmissão às gerações futuras e a promoção de respeito e valorização aos Roma brasileiros. É dar reconhecimento ao papel deste povo na história do Brasil, salvar este importante legado cultural e construir uma narrativa mais inclusiva e representativa da identidade nacional brasileira, em consonância com a proposta de igualdade racial dos dias atuais.

REFERENCIAS:

COSTA, Elisa Maria Lopes da. Contributos ciganos para o povoamento do Brasil (séculos XVI-XIX). Disponível em <https://repositório.uac.pt/handle>

COURTHIADE, Marcel. *“El origen del pueblo rom: realidad y leyenda”*. I *Tchatchipen: publicación trimestral de investigación gitana*. Barcelona: Instituto Romano de Servicios Sociales y Culturales, nº 33 Enero-marzo, 2001.

FRASER, Angus. *Los gitanos*. Barcelona: Ariel, 2005.

GUIMARÃES ROSA. *Tutaméia: terceiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MAZZARA, Bruno M. *Estereótipos y prejuicios*. Madrid: Acento, 1999.

MOSCOVICI, Serge. “Os ciganos entre perseguição e emancipação”. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, vol. 24, nº 3, p. 653-678, set./dez. 2009.

PIERONI, Geraldo. “Detestáveis na metrópole e receados na colônia, os ciganos portugueses degredados no Brasil”, em *Varia História*, Belo Horizonte, n 12, Dezembro/931 p.114-127.

RIQUER, Isabel. “La peregrinación fingida”. Em *Revista de Filología Románica*, 1991, pp 104-107.

SILVA, Erminia; ABREU, Luis Alberto. *Respeitável público...o circo em cena*. Rio de Janeiro:FUNARTE, 2009.p.200.

SORIA, Ana Paula C.B (Voria Stefanovsky). *Juncos ao Vento: literatura e identidade romani(cigana), El alma de los parias*, de Jorge Nedich. Tese de doutorado. Departamento de Literatura. UnB.2015.

TEIXEIRA, Rodrigo Correa. *Ciganos em Minas Gerais: breve história*. Belo Horizonte: Crisálida,2007.

TORRES, Antônio; CASTRO, Alice Viveiros; CARRILHO, Marcio. *O circo no Brasil*. FUNARTE. 1998



EPIGRAMA Nº7

A tua raça de aventura
Quis a terra, o céu, o mar.
Na minha, há uma delícia obscura
Em não querer, em não ganhar.
A tua raça quer partir,
Guerrear, sofrer, vencer, voltar.
A minha,
Não quer ir nem vir
A minha raça quer passar.

Cecília Meireles - In Viagem /1939

Nosso trabalho à frente da Federação Romani e da Academia Internacional de Letras e Artes Romani (AILA) é cumprir as tradições de um povo que vem sendo vilipendiado através dos séculos. Com seriedade e muito sacrifício vamos avançando. Hoje fazemos a primeira caminhada de Sara no Estado de Mato Grosso do Sul, como manda a tradição. Pedro Nicolith, 24 de maio de 2022. Campo Grande/MS

Cultura é o ar que eu respiro.

(Michel Kriston)

Patrimônio Cultural Música e Danças Romani - Jubileu IRU 50 anos

<http://amskblog.blogspot.com/2021/05/patrimonio-cultural-musica-e-dancas.html>

Nos siga em nosso canal do YouTube:

<https://www.youtube.com/channel/UCDKpsyowAjZJwbFSGZP4hOq/videos>

Quando somos instigados a pensar os próximos 50 anos, não podemos passar batido numa questão tão comum, tão urgente e realista: A CULTURA DA DANÇA E DA MÚSICA.

Esse trabalho nos convida, a todos nós, a pensar em como os estereótipos, a política de aculturação e a ignorância se juntam para deturpar e roubar a identidade cultural de um povo.

É preciso ter em mente que estamos falando de pessoas...de vidas e isso precisa mudar o foco das coisas.

O folclore deve estar no lugar dele ... a fantasia também, todo o restante é **Tradição e merece respeito.**

Convidamos você a pensar conosco. Convidamos a todos a acompanhar essa luta muitas vezes silenciada e outras tantas vezes perseguida.

Venha conosco conhecer outros pontos de vista...

ARTESANATO ROMANI

Butchí Vasteski – Feito à mão

https://www.amsk.org.br/imagem/publicacao/Publicacao11_AMSK-2022-ArtesanatoRomani.pdf

O Decreto Dia Distrital do Artesanato Romani. LEI Nº 6.917, DE 28 DE JULHO DE 2021 (Autoria do Projeto: Deputado Reginaldo Sardinha) Institui e inclui no calendário oficial de eventos do Distrito Federal o Dia do Artesanato Români. O GOVERNADOR DO DISTRITO FEDERAL, FAÇO SABER QUE A CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL DECRETA E EU SANCIONO A SEGUINTE LEI:

Art. 1º Fica instituído e incluído no calendário oficial de eventos do Distrito Federal o Dia do Artesanato Români, a ser comemorado no dia 8 de abril.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 28 de julho de 2021 132º da República e 62º de Brasília IBANEIS ROCHA Diário Oficial do Distrito Federal PÁGINA 1 e 2 Nº 142, QUINTA-FEIRA, 29 DE JULHO DE 2021 – Seção 1 Poder Executivo. Documento assinado digitalmente, original em <https://www.dodf.df.gov.br>



Conferencia General

38ª reunión - París, 2015

38 C

United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization

Organisation
des Nations Unies
pour l'éducation,
la science et la culture

Organización
de las Naciones Unidas
para la Educación,
la Ciencia y la Cultura

Организация
Объединенных Наций по
вопросам образования,
науки и культуры

منظمة الأمم المتحدة
للتربية والعلم والثقافة

联合国教育、
科学及文化组织

Punto 4.18 del orden del día

38 C/65

3 de noviembre de 2015

Original: inglés

PROCLAMACIÓN DEL 5 DE NOVIEMBRE DÍA MUNDIAL DEL IDIOMA ROMANÍ

PRESENTACIÓN

Fuente: decisión 197 EX/34.

Antecedentes: a propuesta de la República de Croacia, el Consejo Ejecutivo examinó, en su 197ª reunión, un punto titulado "Día mundial del idioma romaní" y recomendó a la Conferencia General que, en su 38ª reunión, proclamara el 5 de noviembre Día Mundial del Idioma Romaní.

Objeto: en este documento se presentan los antecedentes de la propuesta relativa a la proclamación del Día Mundial del Idioma Romaní.

Decisión requerida: párrafo 5.

